



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
(PROJETO SEGUNDO TEMPO)**

**KATIA LUCIA MOREIRA LEMOS E
MARYNELMA CAMARGO GARANHANI**

(depoimento)

ANO

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-202

Entrevistada: Katia Lucia Moreira Lemos e Marynelma Camargo Garanhani

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Quality Suítes Congonhas – São Paulo/SP

Entrevistadora: Silvana Vilodre Goellner

Data da entrevista: 10/12/2010

Transcrição: Daniela Natividade

Copidesque: Bruna Caroline Oliveira Pedro

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 22 minutos e 32 segundos

Páginas Digitadas: 07

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

LEMOS, Kátia Lucia Moreira; GARANHANI, Marynelma Camargo. *Kátia Lemos, Marynelma Garanhani (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Participação no Programa Segundo Tempo; Organização do Projeto Piloto de Ginástica Aeróbica Esportiva; Visitas aos núcleos; Formatação e aplicação de Questionários, suas dificuldades; Festival de Ginástica; Importância do conteúdo de Ginástica na formação acadêmica.

São Paulo, 10 de dezembro de 2010. Entrevista com as professoras Katia Lucia Moreira Lemos e Marynelma Camargo Garanhani do Projeto Piloto Ginástica Aeróbica Esportiva a cargo da entrevistadora Silvana Vilodre Goellner para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte

S.G. – Marynelma e Kátia, algumas das responsáveis pelo Projeto Piloto da Ginástica Aeróbica, gostaria de perguntar como se deu a idéia do projeto. Eu sei que há um longo tempo que essa discussão está pautada no PST e, como foi essa primeira experiência, que parece que teve um sucesso grande pelas avaliações do Projeto Piloto?

K.L. – Eu já havia procurado o Amauri¹ e a Gianna² em momentos de encontros do PST realizados na minha universidade, perguntando por que não se falava em ginástica no PST e nas capacitações, e porque não estava incluída. E a informação era sempre assim “Arranja uma proposta” “Ginástica é um conteúdo elitizado”. Não se dizia exatamente dessa forma... “porque era difícil capacitar todo mundo”. “A gente tem que começar com os esportes que eram mais populares”. Uma empresa, no caso foi a Mauricio Fernandes³, apresentou uma proposta para o Ministério de um projeto que já tinha um conhecimento aqui em São Paulo e esse projeto foi comprado pelo Ministério, foi feita uma sensibilização, uma capacitação e a partir desse momento o projeto teve uma aceitação, mas não se enquadrava no modelo didático e nem metodológico e na proposta dos pilares do PST. Eu e as professoras Marynelma e Ana⁴ que já estávamos fazendo a avaliação do projeto anterior, fomos chamadas a dar um parecer sobre esse material. Então o Ministério nos chamou para realizar uma intervenção na proposta do projeto anterior para assim encaixar o projeto no programa do PST.

M.G – Nesse processo tivemos acesso a esse material, realizamos pareceres e, nos pareceres, identificamos que realmente necessitava de uma reorganização, uma reformulação, uma resignificação do conteúdo e das estratégias para que pudéssemos

¹ Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira, Coordenador Pedagógico do Programa Segundo Tempo.

² Gianna Lepre Perim, Diretora do Departamento de Esporte Educacional e Identidade Cultural da Secretaria Nacional de Esporte Educacional do Ministério do Esporte.

³ Nome sujeito à confirmação.

⁴ Ana Maria Pereira, Universidade Estadual de Londrina

organizar um projeto piloto para a ginástica aeróbica. Modalidade escolhida para a realização de um projeto que mobilizasse uma discussão sobre a ginástica dentro do PST.

S.G. – Que foi durante todo esse ano de 2010?

M.G. – Não, a partir de 2009.

S.G. – 2009, e o projeto se viabilizou em 2010?

M.G. – Isso. A partir desses pareceres nós tivemos várias reuniões e nos colocamos dizendo que aquele material, naquele momento, iria servir como piloto. Fizemos a reorganização do material, a qual ficou sobre a responsabilidade da professora Kátia. Mas nós precisávamos desenhar uma forma de como iríamos inserir o material no processo de capacitação dos núcleos, os quais iriam desenvolver o projeto piloto. Em 2009, nós organizamos e desenhamos como seria esse projeto piloto. Como iniciariamos e quais seriam as metas desse projeto.

S.G. – E anterior a esse projeto, qual o contato de vocês com o PST? Vocês trabalhavam como consultoras? Tinham alguma participação? Individualmente...

M.G. – Eu integro a equipe colaboradora 17, coordenada pela professora Ruth⁵, e o Amauri sabia da minha experiência com ginástica. Eu dou aula na UFPR⁶, na disciplina Fundamentos Ginásticos, e ele sabia que eu tinha experiência com esta área. Quando o Ministério estava diante de todo o material e de como organizar o projeto piloto, o Amauri me chamou e me apresentou à professora Silvia⁷ que era responsável pelos projetos especiais. Nesse processo eu disse ao Amauri que precisaríamos contar com a presença de mais pessoas, pois eu reconhecia a experiência da professora Ana Maria que também fazia parte de uma equipe colaboradora. E fomos nós duas conversar com a Silvia sobre como seria esse trabalho. O professor Amauri já havia nos avisado que iria convidar uma professora que teria uma formação especializada em ginástica aeróbica, a professora Kátia. E assim foi composta a equipe, e para isto, eu a professora Ana Maria diminuimos nossas

⁵ Ruth Eugênia Cidade, Universidade Federal do Paraná. Equipe Colaboradora 17.

⁶ Universidade Federal do Paraná.

tarefas na equipe colaboradora, mas não fomos afastadas. Continuamos com o processo de formação de professores realizada pelas equipes e com as análises dos Projetos Pedagógicos. No período de participação no projeto piloto da aeróbica não fizemos as visitas *in loco* de responsabilidade das equipes.

S.G. – E no projeto piloto vocês fizeram visitas aos núcleos onde estavam sendo desenvolvido o projeto de ginástica? Foram seis núcleos?

K.L. – Na verdade eram nove que haviam sido selecionados, mas o de Palmas, no Tocantis, não conseguiu a ordem de início então teve que ser excluído e nós nem chegamos a fazer a visita. Os de São Paulo do Conan⁸, teve duas visitas e o de Uberaba teve uma visita, mas esses dois núcleos não fechavam, por problemas institucionais. A minha entrada no PST foi inversa a da Marynelma e da Ana porque eu tinha um contato forte com o Amauri e com a Gianna em função dos encontros que eram realizados na minha universidade porque eu trabalho na UFMG⁹. Eu procurava muitos os dois questionando por quê não da ginástica? Por isso eles me convidaram, e porque eu também fiz parte do trabalho de capacitação realizado pela outra empresa. Porque a proposta era muito boa, a gente não pode desmerecer o trabalho que foi feito pela empresa, mas a proposta não se encaixava nos fundamentos e na metodologia do PST. O Amauri e a Gianna foram muito claros e os nossos pareceres também foram, não estávamos desmerecendo uma proposta. Mas como o PST apresenta um programa que os balizadores não eram os pilares do PST? E nós três tivemos uma sintonia muito boa, em relação à formação acadêmica, o respeito de reconhecer os valores de cada uma. Éramos três apaixonadas pela ginástica e pelo efeito, e nós tínhamos a convicção que o piloto tinha que acontecer, porque a gente sabia que iriam ser bons os resultados. Começamos a pensar como seria a melhor forma de colher esses resultados, então a Marynelma apresentou uma proposta dos questionários e nós começamos a discutir a formulação do questionário. Fizemos a construção do guia, estabelecemos quais seriam as perguntas e esse foi um trabalho árduo... era um questionário para o coordenador, um para o monitor e um para o beneficiário. E mais a questão se o beneficiário entenderia nossa pergunta, são crianças, porque a gente tinha aquela análise de discurso que a nossa pergunta não poderia induzir, a

⁷ Silvia Regina Pinho de Bortoli, Equipe Gestora do Programa Segundo Tempo

⁸ Nome sujeito à confirmação.

gente não queria um questionário induzido. Nós tínhamos uma preocupação com a ciência. Foram horas de reuniões e de “e-mails”, vai e volta de questionários: “Não acho que está bom assim”, “tem que ser enxuto”... E ainda assim com todos os cuidados nós nos deparamos com um problema com os beneficiários que nós não conseguimos prever na sua grandeza: os meninos não sabem escrever...

M.G. – Esse dado é bem importante, devido ao tempo que tínhamos nós não conseguimos pensar em uma metodologia de pesquisa, com um instrumento voltado para crianças do PST. Não que não tivéssemos condições (pois este é um tema de minhas pesquisas no Mestrado em Educação da UFPR). Nós criamos um instrumento que fosse de fácil aplicação porque iríamos realizar poucas visitas e na visita poder coletar rapidamente os dados. Seria um dia para coletar informações, mas na execução do projeto nos deparamos com um desafio: as crianças tinham muitas dificuldades de escrita. A escrita não era a melhor estratégia para coletar as informações apesar de a gente ter conseguido realizar a tarefa com a ajuda dos monitores. Eles nos ajudaram a conversar com as crianças, durante a aplicação do questionário, perguntando o que elas queriam escrever. E elas fizeram o exercício da escrita. Foi um desafio e um aprendizado para nós. É importante ressaltar que esta experiência não foi com crianças que estavam na fase de alfabetização, eram crianças que estavam entrando no terceiro ou quarto ciclo e elas ainda não sabiam escrever. Isso nos preocupou, foi muito forte a experiência de ver a necessidade das crianças: “Tia eu quero escrever isso! Como se escreve?” Nós ajudávamos, pois elas queriam que suas respostas fossem registradas. Aquelas que tinham coragem de expor a necessidade de ajuda para escrever, tudo bem. Mas tinham aquelas que não queriam se expor e então marcavam um “não” no questionário, por que era mais fácil colocar um “não” do que escrever um “sim” e ter que justificar a resposta. Temos que mostrar essas fragilidades, pois é uma preocupação...

S.G. – Até para ver estratégias para minimizar essa defasagem... e o que mais surpreendeu vocês na aplicação do projeto? O que vocês pensaram e aconteceu diferente? Dados que vocês não imaginavam... Já comentamos a participação dos meninos que foi interessante no projeto...

⁹ Universidade Federal de Minas Gerais.

M.G. – Foram três visitas, o que me surpreendeu... a visita do início foi programada, a segunda foi surpresa e a terceira foi a final, o festival. O que me surpreendeu foi o envolvimento das pessoas. Envolvimento de todos os atores do núcleo e não só dos coordenadores, mas sim dos pais, das crianças, dos coordenadores, coordenadores de convênio e esse envolvimento não se deu desde o início, mas sim foi durante todo o processo, foi contagioso. Na segunda visita, fizemos a proposta de realização do festival, propomos e ensinamos como se organizava um festival de ginástica. Quando se pensa em um festival, se imagina um teatro, cortinas, luzes, cenário. E então nós dissemos: “festival de ginástica você interage com o público, você trás o público para quadra, o público faz ginástica também” e eles nos questionavam “mas é assim? Dá para fazer nessa quadra?” Respondíamos: “Claro!” Esta experiência me mostrou o quanto os nossos professores têm idéias e vontades, mas falta conhecimento sobre a ginástica. Isso foi o que mais me marcou.

S.G. – Nós vemos que no curso de formação a ginástica é pouco trabalhada, ela perdeu espaço nas últimas décadas, e esse movimento ajuda a repensar até a formação do profissional de Educação Física. É um conteúdo que tem que existir pois, devido à esportivização da Educação Física, ele acabou sendo colocado em segundo plano e a ginástica é básica e todos os princípios estão ali, inclusive para o esporte.

K.L. – Quando eu falo com os acadêmicos em relação a esse projeto, eu falo que o que mais me impressionou é que a ginástica, nesse projeto, reflete o que eu acho que é o princípio da educação: quem faz a diferença são as pessoas, é o envolvimento, a vontade de querer fazer. Dar oportunidade a um monitor que não tem experiência com ginástica, mas gosta de ginástica, que gosta de musica dele poder criar. Esse discurso, isso é estandarizado: “é um programa ‘body pump’, ‘body systems’”. Eu digo “você não conhece a ginástica aeróbica, você não conhece o projeto!” Você tem que conversar com pessoas que fizeram, com as crianças, com as apresentações, com a alegria deles na segunda visita: “Tia você tem que ver o que a gente já faz e criou”. “Tia a gente mudou a música” isso é a importância que eles deram, porque “pela primeira vez eu senti: nós fazemos parte dessa construção histórica” e eu tinha ficado muito feliz com o resultado.

M.G. – Eu acompanhei três núcleos, os três núcleos realizaram o festival no final, e foi muito bacana de olhar como essa prática de ginástica proporcionou à criança uma autonomia corporal, através de passos como exemplo: marchar, saltar, girar, equilibrar e tocar o outro. A criança ter autonomia para mostrar seu corpo é algo muito significativo e, neste cenário, muito mais que ter a bola, ter a raquete, a experiência eu com o meu corpo deverá ser a base de um trabalho com a Educação Física, ou seja, a criança na cena como protagonista. Eu concluiria que esta é a importância do festival: a criança ter oportunidade de se mostrar, ela ser a protagonista da cena, mostrar as suas possibilidades de movimentação e isso faz com que ela ganhe uma auto-estima impressionante. Eram coreografias muito simples, mas que elas criaram e construíram. Foi possível observar um nervosismo muito grande ao expressarem: “eu vou entrar em cena, tem que dar certo”. Rezam, ou seja, fazem um ritual para entrar em cena, ai dá tudo certo, vibram. Para mim, é a mesma experiência de ganhar um jogo, mas no jogo de se apresentar no festival a criança vivencia a experiência do eu comigo mesmo diante do público, porque ela é a protagonista. São situações muito sutis e que exigem sensibilidade para perceber. Se o professor perceber a dimensão que é de colocar as crianças nessa situação, as faz terem coragem de enfrentar outras situações da vida delas, as quais elas provavelmente vão ter que se colocar corporalmente, como por exemplo: conseguir um emprego, defender um direito. Enfim, acredito que a estratégia do festival, no projeto piloto, foi muito feliz.

K.L. – E a relação do conhecimento, o meu colega é da minha sala só que eu não tinha oportunidade de jogar com ele, mas eu tive a oportunidade de fazer ginástica com ele. Menino que cuida da menina na figura, era a menina que cuidava do menino, que o passe tinha que ser melhor daquele lado. Um grupo de meninas e meninos que estavam felizes com aquela coreografia, não importava se aquilo era coisa de menina ou de menino, eles eram um grupo, que podiam fazer coisas juntos e assim se descobrindo. Não sei se existem hoje, outras atividades oferecidas no PST que consigam fazer isso e que nós vimos com essa riqueza. Antes a gente achou que iria trazer só as meninas e quando vimos os meninos vieram. Uma situação que foi ímpar em Salvador, nós tivemos um grupo onde nós tínhamos três meninos que foram discriminados pela turma durante três anos porque eles têm sua opção sexual declarada, e no grupo foram aceitos e não porque tinham gestual feminino. Eles foram aceitos, e foi a primeira coisa que fizeram com a turma, independente da sua opção sexual.

S.G. – Vocês vão registrar essa experiência no material que o Ministério vai publicar?

K.L. e M.G. – Nós esperamos e trabalhamos muito para isto...

S.G. – Independente disso tem que ser divulgada essa experiência, porque é uma experiência que trás inovação ao Programa. Gostaria de parabenizar, eu tive oportunidade de ler um pouco do material, acabei fazendo prefácio a convite da Silvia e me surpreendeu a participação dos meninos. Os relatos que vocês trouxeram são fundamentais, há tempo estamos discutindo a relação de gênero acho que essas atividades proporcionaram uma interação entre humanos. Os relatos que vocês estão contando agora que não estavam no livro indicam isso. Eu defendo a proposição das ginásticas, pensar ginástica como conteúdo fundamental do Programa Segundo Tempo. Vocês gostariam de dizer alguma coisa?

M.G. – Eu só gostaria de registrar o quanto é importante nós professores da área da Educação Física estarmos nos debruçando sobre o tema da ginástica, na Educação Física. O qual não é novo, pois a educação do físico, ou seja, a Educação Física inicia e se organiza pelas práticas da ginástica. Mas muitos profissionais não têm esse conhecimento ou reconhecimento. Eu me deparei agora, na formação pedagógica das equipes colaboradoras, com a situação de que um professor formador não sabia que além da ginástica artística e da ginástica rítmica existiam outros esportes ginásticos. Ele ficou encantado com alguns exemplos que dei sobre a prática de alguns esportes ginásticos e quer material sobre o tema. Ressalto que não é um professor iniciante. Eu me assustei um pouco com isso e penso que nós temos que nos debruçar na formação em torno deste conhecimento e, para isto, organizar uma rede de pessoas que possam disseminar as práticas da ginástica e, conseqüentemente, os esportes ginásticos. Nesse início do trabalho com a ginástica no PST a estratégia escolhida foi a ginástica aeróbica porque ela é de fácil compreensão e aplicação, mas nós temos muitas metodologias e conhecimento sobre a ginástica que precisam ser resgatados e disseminados. Práticas que existem e não sei onde que os formadores colocaram.

K.L. – Eu me lembro que a minha avó falava que Educação Física não era aula de Educação Física, era aula de ginástica e aí na visão do todo, qualquer atividade que se fizesse o que hoje se chama aula de educação física eles chamavam aula de ginástica.

M.G. – Nosso grande sonho é um festival de ginástica do PST, porque ele é possível e muito fácil de organizar. Nós já temos grupos de crianças prontos e só faltam recursos.

S.G. – Então contem comigo nesse sonho tanto no registro da memória como no investimento do conhecimento ginástico.

M.G. – Quando nós chegamos para as visitas nos grupos, as crianças nos perguntaram: “você são do ministério?”, “Nós vamos um dia viajar para mostrar o que nós fazemos?”. Enfim, elas visualizam a possibilidade de participar de um grande evento. Até por conta da mídia que mostra a ginástica, os atletas, os ginastas. Então elas traziam esta vontade muito forte e a vontade das crianças pode ser um veículo de mobilização, porque não?

S.G. – Claro. Gurias muito obrigada! Continuamos a nossa luta pela ginástica.

[FINAL DO DEPOIMENTO]